

# Carolina do Jouis

**M**aria Carolina de Jesus des-cansou. Certo dia fez um pacto com o escultor negro Assis, do Embu: quem morrer primeiro manda fazer quatro faixas para cercar o velório.

Carolina foi antes e o Assis não teve tempo (ou dinheiro) para cumprir a promessa. Maria Carolina de Jesus nasceu no meio do lixo e dos urubus mas sempre soube que o lixo verdadeiro, o moral, não seria encontrado nas favelas e que os urubus não passavam de inocentes e coloridos câmaros em comparação aos abutres cheirosos e bem vestidos de uma sociedade egoísta e malandramente abastada responsável direta pela existência dos fétidos barracos. De que adianta agora render homenagens e tecer louas apressadas à autora de "Quarto de Despejo" que nasceu em meio ao lixo, material que em efêmeros momentos de sucesso literário conseguiu livrar-se do mau cheiro e que na trilha final de sua vida sofrida voltou a conviver com o lixo e com os urubus? No auge de sua projeção como autora internacional - "Quarto de

conviveram, mesmo no auge da fama, porque - como ela mesmo dizia - "a presença de uma favelada transformada em escritora mundialmente famosa incomoda, faz gerar ciúmeiras e perguntas descabidas. A maioria das pessoas vê só cara e não vê coração. A maioria é medíocre e bem vestida e fica louca da vida quando acompanha o sucesso repentino de uma pobre coitada que tem alma, coração e talento a despeito de não ter tido o direito de estudar, de evoluir culturalmente e contestar com base e argumento empolado".

Alexandre Kadunc

Despejo" foi lido em 40 países e traduzidos em 13 idiomas - recebeu do ministro do Trabalho do presidente Jânio Quadros a certidão de que receberia uma casa de presente. Tudo ficou na promessa, tudo não passou de engodo e mentira. Só uma criatura a entendeu, respeitou e dignificou: o jornalista Audílio Dantas que a descobriu e promoveu sem l centavo de interesse o lançamento de "Quarto de Despejo".

Maria Carolina de Jesus nasceu incógnita e pobre e morreu famosa, mas sempre pobre. Os brônquios doentes estouraram em Parelheiros, 34 quilômetros da capital paulista, e aconteceu então o ponto final de uma vida ao mesmo tempo tenebrosa e sublime. Morreu a escri-

A voz de Carolina de Jesus se cala mas ela pairou por 17 anos sobre nossas cabeças e outros 17 anos deverá pairar ou bem mais. Sua vida foi o que se pode chamar de um terrível cipóal e no cemitério do Cipó, em Parelheiros, des-cansa Carolina que só assim conseguiu arrebrantar os cordões que infernizam as vidas de milhares de favelados como ela.

Pena que ela tenha subido na véspera de mais um carnaval. Sua vida e obra seriam tranquilamente enredo de escola de samba. Mas o carnaval, de 78 certamente não se

torra cuja vida foi mostrada em toda a Europa num documentário de TV da Alemanha Ocidental e que a censura proibiu aqui, sob a alegação clássica medrosa e curta: FORTE DEMAIS. Sim, forte demais é a realidade de nossas favelas, forte demais foi a sensibilidade de Carolina ao captar e colocar no papel de emburloho o mau cheiro de uma realidade social injusta.

Carolina de Jesus foi, e será o exemplo mais latente de gênios populares que honram e dignificam multitudes que sofrem e esperam. Quando Audílio a descobriu ela era favelada e catadora de papéis e quando morreu na madrugada de domingo voltou às suas origens, sem revolta, sem ódio, sem rancor e ainda poetando naquele seu estilo inocente e puro, mas por vezes forte e denunciante:

esquecerá de Carolina que sempre viveu sob a ameaça de despejo como os negros e negras sorridentes e cintilantes que desfilam nas avenidas as suas parcas alegrias de 4 dias, uma gôta d'água no mar cruento, incolor e nada sonoro re-

suas palavras e alertas e por isso sempre viverá. A Carlos Lacerda disse certa vez: "Aqueles que pensam como você um dia serão cobrados".

Carolina falava, falava alto e tinha resposta pronta para tudo. O que você acha do presidente Kennedy? - "Era o sol dos Estados Unidos. O sol que se apagou. Um homem que era digno de viver séculos e séculos".

Frases e conceitos de Carolina imortal autora também de "Casa de Alvernaria" "Provêrbios": "A fome é a dinamite do corpo humano".

"A maioria não aprecia a agricultura. Dá a impressão que eles enterraram seu umbigo na cidade".

"Há os que dizem vá plantar batatas; mas nem todos sabem plantar".

"A arte mais difícil é a arte de viver".

"Ahhh quem me dera poder voar para recortar um pedaço do céu estrelado e fazer o meu vestido final...". Daqui para frente é certo que as portas que Carolina tentou abrir desesperadamente ao longo de sua vida de 62 anos começarão a se escancarar. "Quarto de Despejo" virará filme nos Estados Unidos e ninguém pode calcular quantas edições mais serão agora apressadamente preparadas e quantos países, além dos 40, passarão a manusear a obra vinda do lixo e do sofrer.

Dizer de Carolina, das suas desditas, das chinelas cheias de rebarbas, do surrado lenço que cobria a carapinha... isso tudo já foi dito e redito. Nenhum indivíduo, a não ser sua palavra escrita, vive para sempre. Carolina escreveu, deixou

presentado pelos outros 361 dias... Saravá Carolina. Os mais lindos orixás seguramente estão lhe rendendo as homenagens puras e sinceras que lhe foram negadas aqui embaixo. Fique tranqüila Carolina porque do céu ninguém vai te despejar.